

23-01-2024

# Caboclo Sete Flechas

## Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Eu era menino quando pisei num terreiro ou tenda de Umbanda pela primeira vez. Fui levado pela mão de minha madrinha de batismo, dona Cleia, uma mulher negra, hoje representando um antepassado importante. Ela organiza também a minha ancestralidade. Me lembro como se fosse hoje, era um sábado à noite, por volta das 22h. O terreiro era um casebre de telhas antigas, com paredes pintadas de branco - situado num morro de barro vermelho, no Bairro Gato Preto, município de São João de Meriti, Baixada Fluminense, no RJ. .... Ao entrar, tudo começou a chamar muito minha atenção. ....

O Congá (local sagrado onde ficam as imagens dos “santos e dos orixás”) ficava à frente do salão e no chão e, ao contrário de outros terreiros, ele não era no estilo bancada ou prateleiras com destaque dos “santos ou orixás”, numa distribuição parede acima estando a imagem de Oxalá ou de Jesus Cristo como a mais alta dos demais. Dele, se estendia o salão com piso de cimento batido nas laterais e ao fundo encontravam-se os bancos da assistência, local reservado aos simpatizantes e consulentes do terreiro. Ao sentar num banco da assistência na lateral esquerda de quem entra no salão, me deparo ao fundo com algumas adeptas do terreiro terminando de se arrumar para o início dos trabalhos, ou seja, ajeitando o pano de cabeça (turbante) e colocando no pescoço os fios de contas, ou as famosas “guias”, cada qual, representando a cor específica dos orixás.

Uma adepta em especial me despertou a curiosidade, era uma senhora branca, de baixa estatura, que se arrumava alegremente. Essa senhora, que não lembro o nome, consigo lembrar do seu semblante e de todos seus trejeitos, naquele que foi o dia seminal e decisivo para minha descoberta da Umbanda. E, o que então me fascinou tanto? Foi o simples fato dela ir colocando amorosa e respeitosa cada fio de conta no pescoço, ela os beijava e fazia gestos de devoção a cada um deles. Antes de colocar no pescoço ela os tocava na região frontal, coronal e occipital da cabeça. A cada fio de conta no pescoço mais contagiado eu ficava, aqueles coloridos das miçangas aguçavam as minhas retinas e a emoção serpenteava o meu corpo e todos os meus sentidos cintilavam. Que imagem incrível e carregada de mistérios na época para mim! Depois desse dia, até os meus 17 anos, nunca deixei de frequentar esse terreiro. Por ter tido infância e adolescência muito pobres, o terreiro passou a ser meu ponto de apoio, que me fez acreditar que seria possível estar escrevendo esta Coluna hoje! As palavras e os conselhos das entidades que constituíam a Egrégora do terreiro, fossem elas caboclos, pretos velhos em especial, e tantas outras, preenchiam o coração de um menino-adolescente de esperança e o faziam acreditar num futuro quase impalpável, dadas as dificuldades do presente!

Por outro lado, funcionou também como lazer e divertimento, porque nos terreiros de religiões de matriz africana as pessoas vivem verdadeiramente o sentido da comunidade fraternal. Faço essa introdução para contextualizar a experiência vivida através ou por irradiação do Caboclo Sete Flechas, num atendimento realizado por mim na assistência domiciliar. Trabalho num hospital de referência em Cuidados Paliativos (CP) no Rio de Janeiro, visitando pacientes oncológicos. A filosofia e a prática dos CP estão edificadas num patamar ético que busca a todo custo mitigar o sofrimento evitável dos pacientes com doenças ameaçadoras da vida. Esses pacientes são abordados em todas as dimensões da existência humana. E, a dimensão espiritual deles e de seus familiares é cuidada com total apreço, e é muito cara para nós paliativistas! A paciente morava numa região pobre do município do Rio de Janeiro, no bairro de Inhaúma, zona norte, num apartamento no quarto andar de um prédio sem elevadores. Ela era cuidada por uma sobrinha, pois suas duas filhas trabalhavam e pagavam a prima para cuidar da mãe muito adoecida e totalmente dependente de cuidados. Ao entrar pela sala, me identifiquei como servidor do hospital e a sobrinha-cuidadora da paciente me disse que a tia se encontrava em um dos quartos do apartamento. Sem intervalo, a sobrinha iniciou um discurso muito conhecido dos paliativistas - pessimista em relação ao estado de saúde do paciente: “o paciente está muito mal, não está comendo, passa o tempo todo dormindo, não fala, não interage mais com ninguém...” etc. Na maioria das vezes, esses discursos são verdadeiros e legítimos, quando se sabe que pessoas cuidadoras de pacientes gravemente enfermos desenvolvem sobrecargas físicas e psíquicas, pois cuidam de pessoas que não ficarão boas, não ficarão curadas... Isso concorre para afetar o imaginário de cura e de milagre dessas pessoas, colocando-as num estado que poderíamos chamar de inércia espiritual. Entretanto, não desconfiávamos do que aconteceria minutos depois. Enquanto ela foi até o quarto comunicar à tia que eu havia chegado, eu reparei que na estante da sala tinha uma estátua de um Caboclo. Quando ela voltou dizendo que eu poderia entrar, eu a perguntei se ela sabia o nome do tal Caboclo da estátua, e ela prontamente respondeu com espanto, “sei não doutor!!!” “esse negócio aí é da religião da minha tia, é dela!!!” Que achado... pensei! E, foi a partir da imagem do Caboclo que eu embasei a consulta daquela manhã, para uma paciente totalmente consumida e fadgada por um câncer desobediente que se rebelou contra a proposta do tratamento curativo. ....

Perguntei-lhe como estava se sentindo, a sobrinha interveio, “como te falei ela não está respondendo”, eu disse tudo bem.

Insisti em perguntar, mas agora com outra estratégia.

Ela estava deitada com os olhos fechados, quando perguntei qual era o nome do Caboclo da imagem que estava na estante da sala.

Instantânea e subitamente ela abriu os olhos

e balbuciando respondeu...



*“Seu 7 Flechas”* (nessa hora eu já estava todo arrepiado e a sobrinha em cólicas)  
*“Que bacana, a senhora lembra o ponto (seria o cântico) dele, daria para cantar um pedacinho?”*

Milagrosamente, ela começou entoar o ponto e eu reforcei o coro:

*“Lê, lere lere, lê, lere lere, Caboclo Sete Flechas no Congá*

*Saravá Seu Sete Flechas, ele é o rei da mata.*

*O seu bodoque atira, ô paranga*

*A sua flecha mata”*

Não só ela cantou como levantou da cama, só faltando dar o brado do Caboclo!

A sobrinha perplexa perguntou num misto de alegria e confusão o que estava acontecendo ali. Eu respondi:

*“é o seu Sete Flechas, foi a sua irradiação, a sua energia...”*

O que percebo do fenômeno ocorrido é que esse corpo foi atravessado por essa experiência por anos, por esse e outros cânticos, pelo brado e pelas danças do Caboclo, e pelo seu poder de cura. Poder de cura sim! Essas entidades compõem a ancestralidade indígena e são os conhecedores autóctones das plantas, das ervas, das matas, dos rios, do solo, da terra, dos segredos da natureza...

Essa cura ou poder de cura deve ser legitimado e respeitado. O que é então a espiritualidade, se não for as experiências do sagrado de todos nós que atravessam aguda e profundamente os nossos corpos?

Em CP, partimos das crenças dos pacientes para ressignificar suas vidas, ou seja, pegamos a experiência do corpo doente para atribuir sentido à vida que ainda o habita, buscando uma morte digna! A irradiação do Caboclo ressignificou, no fenômeno vivenciado, mesmo que momentaneamente, aquela vida perto do fim, a curando espiritualmente e a eternizando na ancestralidade daquele ser ...

*Saravá Seu 7 Flechas! Oké meu Caboclo!*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.